

“Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio”: Livros de oposição no regime militar, um estudo de caso

Flamarion Maués

RESUMO

O objetivo deste artigo é, a partir da reconstituição do modo como foi escrito e editado o livro *Poemas do povo da noite*, de Pedro Tierra, e do papel político que a obra desempenhou, assinalar algumas das características dos livros de oposição no período da abertura política (1974-1985). Isso engloba questões relativas a: 1) conteúdo do livro; 2) condições em que o texto foi criado; 3) percurso do original ao livro publicado; 4) perfil do autor; 5) perfil da editora; 6) ligações políticas do autor e da editora; 7) difusão da obra, 8) repercussão nos meios políticos e na imprensa; 9) análise da obra como produto editorial e comercial. Analisando como essas questões estão presentes numa determinada obra podemos definir se ela pode ser considerada um livro de oposição no período em foco.

PALAVRAS-CHAVE: História editorial. Livros de oposição. Edição e política.

*“[...] Nessa noite parada sobrevivemos.
Ficou-nos a palavra, embora reprimida.
[...] Sobreviveremos.”*
Pedro Tierra

1 Introdução¹

O período da abertura política no Brasil (1974-1985), que compreende a fase final do regime militar iniciado com o golpe de 1964, foi marcado por um significativo incremento da indústria editorial brasileira – entendida aqui como aquela que produz livros. Um dos segmentos que se destaca neste crescimento é o dos *livros de oposição* ao regime militar, que se enquadram no que se pode chamar de literatura política – clássicos do pensamento socialista, obras de parlamentares de oposição, depoimentos de exilados e ex-presos políticos, livros-reportagem, memórias, romances políticos, romances-reportagem, livros de denúncias contra o governo. Eram livros que tratavam de temas que punham em questão a ideologia, os objetivos e/ou os procedimentos do regime de 1964 ou, ainda, cujos autores faziam oposição ao governo. Entre esses, destacavam-se as obras escritas por ex-exilados e ex-presos políticos. Este segmento ganhou impulso mais significativo a partir de 1977-78, com o retorno à cena pública do movimento estudantil e do movimento sindical, em particular com as greves no ABC paulista.

Boa parte desses livros era editada por *editoras de oposição* – editoras com perfil marcadamente político e ideológico de oposição ao governo militar. Compunham um universo que englobava desde editoras já estabelecidas – como Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes e Paz e Terra – até as surgidas naquele período – como Alfa-Ômega, Global, Brasil Debates, Ciências Hu-

¹ Este trabalho é derivado de minha dissertação de mestrado em História Econômica, “Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985): negócio e política” – defendida em fevereiro de 2006 –, na qual desenvolvi estudos de caso sobre três editoras de oposição (Ciências Humanas, Brasil Debates e Kairós).

manas, Kairós, Codecri, Livramento, Vega, entre outras. Algumas dessas editoras mantinham vínculos estreitos com partidos ou grupos políticos, alguns deles na clandestinidade, ou foram criadas por esses grupos. Outras não estabeleciam vinculações políticas orgânicas ou explícitas, mas, por sua linha editorial, acabavam representando iniciativas políticas de oposição.

Os anos 1970 se iniciam em pleno auge do “milagre” econômico, com altos índices de crescimento, pleno emprego e inflação sob controle. Desde o final de 1968, com a decretação do AI-5, o país encontrava-se sob rígidas restrições aos direitos civis e democráticos, situação que se acentua sob o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). É o período de mais intensa repressão política e censura à imprensa, aos veículos de comunicação em geral e às manifestações artísticas em seu conjunto. A perseguição aos setores que optaram pelo combate à ditadura é implacável e os métodos – entre os quais a tortura – não conhecem limites de ordem legal ou moral.

Neste artigo, vou analisar uma das obras que se caracterizou, no período da abertura, como um livro de oposição. Trata-se de *Poemas do povo da noite*, de Pedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva. Escrito nas prisões pelas quais passou o seu autor entre os anos de 1972 e 1977, este livro encarna bem o espírito, a forma, o conteúdo e o percurso dos livros de oposição.

2 Das celas para as páginas

Hamilton Pereira da Silva escreveu *Poemas do povo da noite* na cadeia, ou melhor, nas cadeias pelas quais passou, como preso político. Militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), foi preso em 10 de junho de 1972, quando tinha 24 anos, em Anápolis, Goiás, cidade próxima a Brasília. Era acusado de subversão e de atentar contra a segurança nacional. Submetido a longos períodos de tortura – aos quais ele costuma se referir apenas como “interrogatórios” –, permaneceu cerca de três meses incomunicável em quartéis do Exército, em Goiânia e em Brasília.

Foi transferido de Brasília para São Paulo, onde esteve detido de março a outubro de 1973 na Oban/DOI-CODI (Operação Bandeirante/Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operação de Defesa Interna), na Rua Thomaz Carvalhal esquina com Rua Tutóia, um dos mais tristemente famosos centros de tortura do regime militar. Foi, então, enviado ao Presídio do Hipódromo, depois à Casa de Detenção no Carandiru, à Penitenciária do Estado de São Paulo e ao Presídio do Barro Branco. Condenado inicialmente a 12 anos de reclusão – incluindo um ano de “medida de segurança detentiva” –, sua pena foi fixada, após recurso, em cinco anos. Ele somente foi solto em 10 de março de 1977, após cumpri-la integralmente (ARQUIVO DO DEOPS, 1977; SILVA, 2004). Desde 2003, Hamilton Pereira é presidente da Fundação Perseu Abramo, instituição vinculada ao Partido dos Trabalhadores.

Leitor e apreciador de literatura desde a adolescência em Porto Nacional (na época município de Goiás, hoje faz parte do Estado do Tocantins), Hamilton encontrou na poesia uma maneira de se manter vivo e lúcido na cadeia, uma forma de resistência e de possível comunicação com o mundo exterior.

Como registra Emiliano José, Hamilton tinha a

[...]capacidade de viver poesia, de mergulhar na tragédia e nas dores humanas depois de experimentá-las na própria carne. Pedro Tierra até hoje se considera um sobrevivente, e o solo fundamental de sua sobrevivência foi a poesia – é até hoje. “Era, então, a maneira de poder me olhar no espelho sem enlouquecer.” Era como se ele dissesse, de si para si: a humanidade não pode ser isso que estou vendo aqui. Os versos construam outra humanidade, ou o faziam divisar outra face do humano, não a do terror. (JOSÉ, 2002, p.159)

Seus poemas descrevem os duros momentos passados pelos presos políticos, as torturas, a morte de muitos deles e a luta pela vida dos que resistiram às sevícias. São poemas em que palavras como “sangue”, “morte”, “luta” e “companheiro” aparecem com frequência (ver Anexo). São estes textos que serão reunidos no livro *Poemas do povo da noite*. A homenagem a companheiros mortos será uma das características do livro – dos 60 poemas do volume 17 são desse tipo. O “Poema – Prólogo” é uma boa síntese da obra de Pedro

Tierra escrita na prisão:

Fui assassinado.
Morri cem vezes
e cem vezes renasci
sob os golpes do açoite.

Meus olhos em sangue
testemunharam
a dança dos algozes
em torno do meu cadáver.

[...]
Fui poeta
do povo da noite
como um grito de metal fundido.

Fui poeta
como uma arma
para sobreviver
e sobrevivi.

[...]
Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”,
dos “enforcados” e “atropelados”,
dos que “tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.

Sou o poeta
dos torturados,
dos “desaparecidos”,
dos atirados ao mar,
sou os olhos atentos
sobre o crime.

[...]
meu ofício sobre a terra
é ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos assassinos.

[...]
Venho falar
pela boca de meus mortos.
Sou poeta-testemunha,
poeta da geração de sonho
e sangue
sobre as ruas de meu país.

No começo, era muito difícil para Hamilton Pereira escrever na cadeia. Além de toda a violência da prisão – não só física, mas também psicológica –, não havia lápis nem papel. “No intervalo de um interrogatório, me deixaram sozinho na sala. Vi que havia um lápis numa mesa. Guardei-o comigo e o levei para a cela. Com ele escrevi meus primeiros poemas na prisão, em papel de maço de cigarros”, conta Hamilton.

Começou então uma produção literária que se prolongou por todo o período em que Hamilton Pereira esteve preso, e que continua até hoje, quando Pedro Terra permanece produzindo e publicando. Mas nos tempos de prisão não foi fácil fazer os primeiros poemas saírem da cadeia. Primeiro, Hamilton tentou remeter os poemas para seus familiares e amigos por meio de cartas, mas como estas eram submetidas a censura antes de serem enviadas, os poemas acabavam não chegando a seus destinatários. Bolou então um esquema. Nas cartas, dizia que havia lido em alguns livros que existiam na prisão certos poemas de um autor chamado Pedro Terra – provavelmente latino-americano –, dos quais gostara muito, e os reproduzia nas cartas. Nascia assim o pseudônimo com que assinaria os poemas e o livro que primeiro os reuniria, publicado quando o autor ainda estava preso: *Poemas do povo da noite*.

Depois, foi necessário outro expediente para enviar os poemas para fora da prisão: escrevia-os em papel de maços de cigarros que eram colocados dentro de canetas, junto com a carga das mesmas.

O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh visitava os presos políticos quase semanalmente. Numa das ocasiões, levou duas canetas Bic escrita fina. Estas canetas, que são vendidas até hoje, são amarelas por fora, não permitindo ver a carga em seu interior. Ele deixou uma das canetas comigo. Na semana seguinte, entreguei a ele a caneta que havia ficado comigo, e enrolados na carga estavam dois poemas meus escritos em papel de cigarro, com letra bem pequena. Ele me deixou a caneta que estava com ele, para na semana seguinte repetirmos a operação. Assim saíram muitos dos poemas que compõem o livro. (SILVA, 2004, informação verbal)

Isso passou a ocorrer a partir do segundo semestre de 1974. Greenhalgh – na época advogado de vários presos políticos e atualmente deputado federal

pelo PT de São Paulo – também recorda o caso:

Perguntei ao Hamilton se já havia feito alguma coisa com as poesias. Ele disse que não, pois não havia segurança para que elas saíssem da prisão. Então propus que ele fosse me dando os poemas aos poucos, eu os datilografaria e veríamos a possibilidade de montar um livro de poesias. E assim foi, com o recurso da troca de canetas durante minhas visitas aos presos. (GREENHALGH, 2004, informação verbal)

Greenhalgh lembra que quando retirava das canetas os pedaços de papel nos quais estavam escritos os poemas, sua esposa passava-os com ferro de engomar para que ficassem planos, e depois datilografava as poesias.

3 A primeira edição

Considerando edição como o “conjunto de exemplares reproduzidos sob uma mesma composição” e “entendendo-se primeira edição como a primeira publicação autorizada pelo autor” (ARAUJO, 1995, p.270-71), podemos dizer que a primeira edição dos poemas de Hamilton Pereira/Pedro Tierra, ainda artesanal e não comercial, foi feita provavelmente em 1975 e organizada pelo advogado Greenhalgh, responsável, como vimos, pela saída do presídio da maior parte dos poemas que formariam o livro *Poemas do povo da noite*. Foi ele quem primeiro reuniu os poemas em uma pasta e apresentou-os a um grupo de pessoas que apoiava os presos políticos e seus familiares em São Paulo. Esse grupo tinha também como objetivo apoiar politicamente a atuação de D. Pedro Casaldáliga na prelaia de São Félix do Araguaia (MT).

Essas pessoas se reuniam sob a proteção de Madre Cristina no Instituto Sedes Sapientae, na Rua Caio Prado, em São Paulo (CRISTINA, 1997). Durante muito tempo foram reuniões clandestinas. Dali surgiu um dos núcleos que dariam origem ao movimento pela anistia.

“Falei para o grupo sobre as poesias, quando já tinha um certo número delas reunidas e datilografadas, e apresentei a idéia de que talvez pudéssemos

fazer um livro”, recorda Greenhalgh. Segundo ele, as ilustrações de Pepe, que saíram em todas as edições do livro, surgiram nesse momento, pois Pepe, um jovem artista espanhol que então viva no Brasil, era amigo de uma das pessoas do grupo, e por intermédio dessa pessoa tomou conhecimento dos poemas e fez as ilustrações. Foi Greenhalgh quem também pediu a D. Pedro Casaldáliga que fizesse o prefácio para o livro de Hamilton Pereira.²

“A primeira edição foi feita à mão, saiu assinada com o pseudônimo Pedro Tierra e com os desenhos do Pepe feitos em papel sulfite. Fizemos xerox desse livro para distribuir. Eu tenho o original em meus arquivos”, afirma Greenhalgh (2004).

Esta edição, feita em 1975, teve circulação reduzida e semiclandestina, xerocada ou mimeografada e distribuída de mão em mão.³ Não obtive informação de quantos exemplares foram feitos. O autor, Hamilton Pereira, ainda estava preso quando esta edição foi publicada.

Após esta primeira edição, entra em cena um personagem que terá grande importância para a difusão dos poemas de Pedro Tierra: o padre italiano Renzo Rossi.

De acordo com Greenhalgh, o padre Renzo, que atuava na Bahia e lá prestava assistência pastoral a presos políticos, iniciou contato com os presos políticos de São Paulo, pois também queria ajudá-los. Passou então a visitar os presos políticos no Presídio do Barro Branco, entre os quais Hamilton. “Quando o padre Renzo, uma pessoa de coração enorme, viu os poemas dele ficou muito impressionado e pediu para traduzi-los para o italiano”, diz Greenhalgh (2004).

² Segundo Greenhalgh, ao entregar o prefácio, Casaldáliga disse: “E o dia que esse rapaz sair da prisão quero fazer com ele o texto de uma missa latino-americana”. De fato, em 1979 ambos compuseram, ao lado de Martin Coplas, a *Missa da terra sem males*, publicada pela Editorial Livramento em 1979.

³ Tive acesso, por meio de Hamilton Pereira, a um desses exemplares mimeografados. No entanto, não era um dos exemplares da primeira edição de 1975, mas sim um exemplar reproduzido após 1977, uma vez que traz também poemas datados daquele ano, o que significa que o volume foi sendo periodicamente complementado com novos textos do autor.

A primeira visita do padre Renzo em São Paulo foi a Paulo Vannuchi, no Presídio do Barro Branco, no final de 1975 (JOSÉ, 2002, p. 143). Mas foi a partir de julho de 1976 que essa atividade se intensificou. No dia 17 daquele mês, Renzo inicia uma série de visitas aos presos do Barro Branco, que se desenvolverão e resultarão em profundo envolvimento do padre, em particular com alguns presos. Esta visita do dia 17 de julho de 1976 está descrita em detalhes no livro *As asas invisíveis do padre Renzo*, de Emiliano José. É nessa ocasião que ele conhece Hamilton Pereira e seus poemas, e “fica emocionado ao ler os versos manuscritos de Pedro Tierra” (JOSÉ, 2002, p. 159).

Emiliano José diz que “Renzo se impressionará tanto com as poesias de Pedro Tierra [...] que passou a reproduzi-las em mimeógrafo, encadernar e distribuir Brasil afora” (JOSÉ, 2002, p. 159).

Ou seja, o padre Renzo parece ter começado a fazer por conta própria a reprodução e distribuição da edição já existente de *Poemas do povo da noite*, organizada por Greenhalgh, que antes era feita apenas pelo grupo de apoio aos presos políticos de São Paulo, dando ao volume um alcance maior no que diz respeito à circulação, inclusive levando-o para o exterior.

Não resta dúvida do papel de Renzo na divulgação dos poemas. Como lembra Hamilton Pereira, “Ele era um entusiasta, distribuía meus poemas como quem distribuía panfletos”.

“Ele virou um semeador da poesia na Idade do Terror”, diz o poeta, ao relembrar a atitude de Renzo de entregar suas poesias a militantes, amigos, familiares. Pedro Tierra se tornou conhecido nos tempos das catacumbas e pelos métodos subterrâneos próprios desses períodos, e pelas mãos de um sacerdote. (JOSÉ, 2002, p.149 e 159)

Esta primeira edição quase clandestina teve certa repercussão. O jornalista e escritor Fernando Morais – aliás autor de outro livro de oposição clássico, *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de 1976 – sugeriu que o livro fosse inscrito no Prêmio Casa de las Américas, de Cuba, na época importante fórum de divulgação da literatura política do continente latino-ameri-

cano (SILVA, 2004). A idéia prosperou, e D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, fez o prefácio e a tradução do livro para o espanhol (na época, só podiam ser inscritos naquele concurso obras em espanhol). O livro recebeu em 1977 Menção Honrosa no Prêmio Casa de las Américas e obteve mais visibilidade e repercussão.

Na Europa, a partir da divulgação feita pelo padre Renzo e da premiação na Casa de las Américas, o jornalista, militante cristão e deputado italiano Ettore Masina incluiu vários poemas de Pedro Tierra na antologia *Le parole sepolte fioriranno: i canti della resistenza brasiliana (As palavras sepultadas florescerão: o canto da resistência brasileira)*, publicada em Roma por Edizioni Borla em maio de 1977. Esta edição fazia parte da coleção “Voci dell’esodo”, e teve prefácio do senador socialista italiano Lelio Basso,⁴ um dos organizadores do Tribunal Internacional Bertrand Russell.⁵ Ela trazia também textos de Thiago de Melo, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Casaldáliga, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, entre outros – além de divulgar um emocionante poema de Janaína Telles, filha de presos políticos, escrito quando ela tinha 7 anos, em 1975.⁶ Neste volume os poemas de Hamilton Pereira (Pedro Tierra) foram publicados quase de modo anônimo, uma vez que o autor fora libertado havia pouquíssimo tempo e temia-se que tal publicação pudesse lhe trazer problemas. Seus poemas, publicados da página 36 a 64 do volume, formam o maior conjunto individual da obra, e somente são identificados – pelo pseudônimo – na introdução do livro, escri-

■
⁴ De acordo com o jornalista Elio Gaspari, o senador socialista italiano Lelio Basso também coordenava o Fronte Brasiliano D’Informazione, uma das várias organizações criadas no exterior por brasileiros exilados e estrangeiros solidários para denunciar as torturas e perseguições políticas no Brasil (GASPARI, 2002, p.273).

⁵ O Tribunal Russell II foi constituído em 1973 a partir de entrevistas com exilados brasileiros. Teve como objetivo, “em nome da consciência dos povos, examinar e julgar os crimes do fascismo da América Latina e dos seus sustentadores”. Ocorreram três sessões entre 1973 e 1976 – em Roma, por duas vezes, e em Bruxelas – que expuseram detalhadamente a terrível dimensão da repressão na América Latina (MASINA, 1977, p. 11).

⁶ Testemunho da brutalidade a que pode chegar a repressão política, o poema “Dói gostar dos outros”, de Janaína Telles, pode ser lido em José, 2002, p.179-80.

ta por Masina. Nesta introdução, Masina dizia: “Estes poemas, não os encontrei em livros ou jornais, mas como cartas, pedidos de SOS, [...] como documentação de delitos e de esperança”. E ressaltava: “Várias editoras brasileiras foram procuradas, mas nenhuma teve a coragem de publicar estes poemas” (MASINA, 1977, p.11 e 17).⁷

4 A primeira edição em livro

O volume em espanhol premiado pela Casa de las Américas deu origem à primeira edição integral – e comercial – em livro de *Poemas do povo da noite*, que – retrato da época – não ocorreu no Brasil, mas sim na Espanha, pela editora Sígueme, de Salamanca, em 1978. Esta edição teve como “padrinho” D. Pedro Casaldáliga, que fez todos os contatos, além da já mencionada tradução, que permitiram a publicação da obra na Espanha – Casaldáliga é catalão, de Balsareny, região de Barcelona.

Poemas del pueblo de la noche já traz a ilustração de Manoel Cyrillo na capa e as de Pepe no miolo do livro, que farão parte também da edição brasileira, que somente surgirá em 1979, ano da Anistia.

Ainda em 1978, foi publicada na Alemanha a revista *Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde: Von Zusammenleben der Menschen und von Ihren Hoffnungen* (*Um Novo Céu -Uma Nova Terra*) (editora Peter Hammer, Basel), organizada



Figura 1 - Capa do livro *Le parole sepolte fioriranno: i canti della resistenza brasiliana* (*As palavras sepultadas florescerão: o canto da resistência brasileira*), publicado em Roma por Edizioni Borla em 1977, que traz muitos dos poemas de Pedro Terra editados no livro *Poemas do povo da noite*.



⁷ Não consegui apurar que editoras teriam sido estas e se de fato foram feitos tais contatos.

por Conrad Contzen e Hermann Schulz, que trazia alguns dos poemas de Pedro Tierra, além de textos de Josué de Castro, D. Hélder Câmara, Thiago de Mello, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Schulz relembra que recebeu os poemas de Pedro Tierra com a proposta de que fossem editados na Alemanha para “arranjar recursos para o movimento de oposição no Brasil”. Ficou sabendo que “o autor estava preso há três anos por motivos políticos [e que] fora tarefa extremamente difícil conseguir que os textos saíssem clandestinamente da prisão”. A partir daí, “nasceu a idéia de editar um outro livro, mais comercial, destinado unicamente à causa [do] Brasil; todos os honorários reverteriam em benefício da luta política” (SCHULZ, 1990, p. 6).

Esta publicação foi *Um Novo Céu - Uma Nova Terra*, lançada em tiragem de 35 mil exemplares. Nesta revista, pela primeira vez se revela que Pedro Tierra é o pseudônimo de Hamilton Pereira, bem como se publica uma foto sua, já em liberdade no Brasil (SCHULZ, 1990, p. 6).

Em relação a esta publicação, Hamilton considera que

Na Alemanha, foi interessante porque esta edição despertou uma percepção especial, ou seja, como os fascismos se parecem. O livro despertou em muita gente o gesto de solidariedade com movimentos sociais brasileiros, os movimentos de trabalhadores rurais, indígenas etc. (SILVA, 2004)

Em 1981, o livro foi publicado integralmente na Itália (*Canti del popolo della notte*, tradução de David Turolto, Bologna, Editrice Missionária Italiana).



Figura 2 - Capa do livro *Poemas del pueblo de la noche*, editado em Espanha pela editora Sígueme, de Salamanca, em 1978.

5 A primeira edição em livro no Brasil

Somente em 1979, após esse percurso internacional, *Poemas do povo da noite* chegou ao Brasil, “graças à abnegação e ao heroísmo do Fábio [Ortiz Jr.]” (SILVA, 1999), dono da Editorial Livramento, de São Paulo, em tiragem de 3.980 exemplares (ORTIZ JR., 2004) e com as mesmas ilustrações da edição espanhola e da edição original organizada por Luiz Eduardo Greenhalgh.

A Editorial Livramento era uma pequena livraria e editora que funcionava na Avenida Waldemar Ferreira, no Bairro do Butantã, na entrada da Cidade Universitária, em São Paulo. Editou cerca de 20 títulos, entre os quais alguns importantes livros de oposição – como *Memórias do exílio*, organizado por Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos (setembro de 1978); *Escritos de Carlos Marighella* (dezembro de 1979); e *História da UNE*, organizado por Nilton Santos (outubro de 1980).

Foi criada por seis estudantes da Universidade de São Paulo (USP) – entre os quais Markus Sokol, Jorge Kaupatez, Sílvio Ernesto Bathusanski e José Bonifácio Amaral –, que eram militantes ou simpatizantes de organizações políticas ou de tendências estudantis e viram na idéia da livraria e editora uma forma de dar continuidade a esta militância e de ter uma fonte de renda (ORTIZ, 2004).

O livro chegou às mãos de Fábio Ortiz Jr. por intermédio do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, na ocasião um membro ativo do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA).



Figura 3 - Capa da revista *Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde: Von Zusammenleben der Menschen und von Ihren Hoffnungen (Um Novo Céu - Uma Nova Terra)*, publicada na Alemanha por Athena-Verlag, Basel, em 1978, que trazia poemas de Pedro Tierra.

Greenhalgh havia conhecido Fábio e a Editorial Livramento em virtude da publicação por esta editora do livro *Memórias do exílio*, feita em co-edição com o CBA. A partir desse contato e do relacionamento que se estabeleceu entre ambos, Greenhalgh sugeriu a Fábio a edição no Brasil do livro de Pedro Tierra, tendo passado às suas mãos um exemplar da edição espanhola da obra.

Fábio leu os poemas e imediatamente resolveu editá-los, surgindo assim a edição brasileira de *Poemas do povo da noite* (ORTIZ JR., 2004).

Lançada em abril de 1979, ano em que a campanha pela Anistia estava em seu auge – a Lei da Anistia foi aprovada em agosto de 1979 –, a obra teve forte repercussão entre os setores de esquerda do Brasil. Versos dos poemas foram usados em camisetas, calendários e cartões postais produzidos em favor da Anistia.

“Quando o livro saiu foi um sucesso. Anunciávamos o livro nas atividades do Comitê de Anistia, nas reuniões, e a repercussão era enorme. O livro passou a ser um material de aproximação das pessoas com o movimento pela Anistia, com os presos políticos”, lembra Luiz Eduardo Greenhalgh (2004).



Figura 4 - Capa da edição brasileira de *Poemas do povo da noite*, lançada em 1979 pela Editorial Livramento, de São Paulo.



Figura 5 - Folha do calendário feito por Otávio Roth em que são reproduzidos versos de Pedro Tierra.

É o próprio poeta que narra um caso singular acontecido em Salvador (BA) naquele período, quando o livro foi lançado em algumas cidades em atos pela Anistia:

Nos concentramos em torno do monumento e deu-se início ao recital. Para minha surpresa um grupo de jovens atores havia feito uma seleção de poemas para homenagear Pedro Tierra, poeta de origem latino-americana, morto sob tortura pelo regime militar [...] e lá se foram desfiando no tom dos discursos veementes da época os *Poemas do povo da noite*, aos quais tiveram acesso por uma edição mimeografada que corria de mão em mão entre eles. Sentime morto e ressuscitado, comovido pela homenagem e temendo frustrar meus entusiasmados porta-vozes por estar prosaicamente vivo, entre eles [...] (SILVA, 1999)

O prefácio de Pedro Casaldáliga, que consta tanto das edições estrangeiras como da brasileira, é um importante registro do que representava a publicação do livro naquele momento no Brasil. Vale a longa citação:

Será que alguém já publicou nestes dez últimos anos de poesia e de noite, no Brasil, um livro de poemas mais verdadeiros, versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o Povo?

[...] O medo, a angústia, o sofrimento das distâncias ou das torturas falam, nestes versos [...]. O poeta sabe, pela própria experiência [...] que “a criatura humana resiste”. Para ele – e tem o direito de afirmar o que suporta – “não importa se a colheita da luz tarda”. Ele crê que “a mão ferida semeia a surda semente da liberdade”. [...]

“Sobreviveremos”, grita. Com a experiência de um sobrevivente. [...] irmão-poeta, poeta-mártir, poeta-profeta. [...]

Um homem comprometido com o Povo até a tortura, até a morte sempre iminente, não podia cantar de outra maneira. Por isso são verdadeiros estes versos, e comprometidos, e comprometedores.

Este livro se lê e se passa como um telegrama de urgência, como um grito de guerra. Ou então se queima, covardemente, às escondidas. O fogo do suplício queimou muitas vezes a carne do seu cantor.

Ninguém pode ler estas páginas como quem desfolha mais um poema, habitualmente flor. Este não é um livro de flores habituais.

“Aqui um ato de amor é sempre um desafio”. Uma palavra de liberdade é sempre um desafio. Um gesto de comunhão é sempre um desafio. Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio [...]. (CASALDÁLIGA, 1979)

6 Poeta da resistência

A obra de Pedro Tierra teve certa repercussão no Brasil também na grande imprensa, com artigos que comentavam o livro, suas qualidades literárias e seu conteúdo político.

Tristão de Athayde, pensador cristão, resenhou o livro. Vale a pena reproduzir um longo trecho desse texto:

Assim como Garcia Lorca ficou gravado na história literária de Espanha como o poeta da resistência espanhola ao terrorismo franquista, esse jovem brasileiro de nome espanhol ficará provavelmente como a maior expressão poética da resistência ao terror ditatorial dos nossos últimos quinze anos. Guardadas as devidas proporções, será uma espécie de Castro Alves anti-romântico. Sua poesia será castro-alvina pela sua inspiração social e revolucionária. Mas é radicalmente anti-romântica pelo realismo patético de quem sofreu, na própria carne, tudo aquilo que canta nos seus versos, numa linguagem intencionalmente desprovida de toda loquacidade empolada ou de todo fácil sentimentalismo. [...] os poemas de Pedro Tierra ficam voluntariamente segregados entre os muros da prisão e aqueles muros, ainda mais fechados, de uma filosofia da vida, exclusivamente dedicada à luta política partidária da mais radical revolução social. Essa visão político-partidária, entretanto, é do tipo profundamente humano e personalista. Seus poemas são fotografias patéticas de companheiros e situações do sofrimento humano vivido e convivido no horror das células confinantes e das torturas sofridas e compartilhadas. Como Soljenitsin o faz das células do Gulag staliniano, pois o sofrimento humano está acima dos partidos e das ideologias. (ATHAYDE, 1979)

Continua Tristão de Athayde:

[São] poemas de carnes dilaceradas e sangue derramado por um ideal de amor e de liberdade, fraternalmente convivido e compartilhado. O sofrimento contínuo que emana de cada página desse canto do povo da morte torna sua leitura quase intolerável, pois a verdade é mais corrosiva do que todas as suas representações estéticas. E nessa poesia, despojada totalmente de retórica e de ornatos, é a verdade dos torturados, dos assassinados, dos dilacerados pelas separações compulsórias, que repona [...]. Esses cantos de fúria, protesto e ternura fazem desse pequeno livro uma flor de sangue que faltava à vala comum de tantos anônimos que ficaram à beira dos caminhos, enquanto perdurar, entre os homens, uma falsa filosofia do ódio e da vingança. (ATHAYDE, 1979, p.3)

Profundamente impressionado com a obra de Pedro Tierra também ficou Cláudio Abramo, um dos principais nomes do jornalismo brasileiro. Isso

está registrado em seu livro póstumo, organizado por Cláudio Weber Abramo, *A regra do jogo*.

[...] fui uma noite a uma livraria, em companhia de um casal amigo, e lá comprei um livro de um jovem, Pedro Tierra, um livro que me fez as lágrimas brotarem dos olhos, tal sua força. Ninguém fala desse jovem, em quem se reconhece desde logo o tom de um grande poeta da dor e do sofrimento, que grita contra a tortura que sofreu porque o Brasil me parece um país que cada vez mais dá as costas a si próprio. Gostaria de mostrar os versos de Pedro Tierra a Giuseppe Ungaretti, a T. S. Eliot, a Stephen Spender. (ABRAMO, 1997, p. 265)

7 Um livro de oposição

Vinte e cinco anos após a primeira edição brasileira de seu livro, o autor avalia que a obra “cumpru o papel da poesia militante, nos limites que isso possa significar, em um período em que saíamos de um Estado policial, opressivo, para uma etapa de renascimento dos movimentos sociais no país” (SILVA, 2004).

Certamente por tudo isso, e por conhecer todo o percurso de *Poemas do povo da noite*, desde as celas das prisões até a edição brasileira, passando por suas edições no exterior, D. Pedro Casaldáliga escreveu em seu prefácio ao livro, como vimos: “Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio [...]”. Um desafio à repressão, à tortura, à censura, ao medo, à violência política, à ditadura, enfim.

Dessa forma, a obra torna-se um livro de oposição. Os livros de oposição se caracterizavam por não ser meramente um produto editorial e comercial. Representavam uma manifestação política pública, que se dirigia aos formadores de opinião – ou ao menos tinham essa pretensão. É claro que tal projeto, que estava como que impresso em cada página destes livros, trazia em si as limitações inerentes ao veículo livro, limitações estas relacionadas ao público leitor, à distribuição e ao alcance efetivo destas obras, a seu impacto real na conjuntura política do país, etc.

É certo que aqui há um movimento de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo que os livros de oposição promovem e estimulam o debate de idéias, eles são também frutos de uma situação em que já se tornava possível, novamente, trazer a tona tais debates. São, portanto, frutos da abertura política e colaboraram para ampliá-la.

Além disso, os livros de oposição se relacionam com a configuração no Brasil, nos anos 1970 e começo da década de 1980, de um mercado de bens culturais. E, como ressalta Renato Ortiz (1995, p.114),

existe uma diferença entre o desenvolvimento de um mercado de bens materiais e um mercado de bens culturais. O último envolve uma dimensão simbólica que aponta para problemas ideológicos, expressam uma aspiração, um elemento político embutido no próprio produto veiculado.

É dentro deste quadro que, por seu conteúdo, por sua história editorial e por seu papel político, o livro de Pedro Terra ganha significado especial e se apresenta como – e se torna de fato – um elemento de intervenção política, mais além da obra-de-arte, da intenção de seu autor e do produto editorial/comercial. Apropriado pela realidade e pelos sujeitos que a fazem, torna-se ator político.

Estas me parecem ser características que um livro deve ter para ser considerado um livro de oposição.



Figura 6 - Hamilton Pereira no final dos anos 1970, em foto publicada na revista alemã *Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde*.

“Just to have this book in my hands is already a challenge”: ‘Oppositional books’ during the Military regime: a case study.

ABSTRACT

Taking the way how the book *Poemas do povo da noite* (*Poems of the people of the night*) by Pedro Terra was written and published alongside its political impact during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985), this article aims to analyze the *oppositional books* in the end of that regime (Abertura Política period, the opening of the political system). It implies analyses regarding to: 1) the content of the book; 2) the writing context; 3) the path from the original text to the publication; 4) the Author’s profile; 5) the Publishers’ profile; 6) Author and Publisher’s political liaisons; 7) the book’s diffusion; 8) the book’s impact on the political world and the press; 9) the analyze of the book as a editorial and commercial product. By investigating how these issues are present in this determined work, we can define whether the book can be considered an oppositional book in that period.

KEYWORDS: Editorial history. “Oppositional books”. Publishing and politics.

“Tener simplemente este libro en las manos ya es un desafío”: libros de oposición en el régimen militar. Un estudio de caso.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es, a partir de la reconstitución del modo como ha sido escrito y editado el libro *Poema do Povo da Noite*, de Pedro Terra, y del papel político que la obra ha desempeñado, señalar algunas de las características de los libros de oposición al periodo de la apertura política (1974-1985). Eso engloba cuestiones relativas a: 1) contenido del libro; 2) condiciones en que el texto ha sido creado; 3) trayecto del original hasta el libro publicado; 4) perfil del autor; 5) perfil de la editora; 6) vinculaciones políticas del autor y de la editora; 7) difusión de la obra; 8) repercusión en los medios políticos y en la prensa; 9) análisis de la obra como producto editorial y comercial. Analizando como esas cuestiones se hacen presentes en una determinada obra podemos definir si ella puede ser considerada un libro de oposición al periodo en foco.

PALABRAS CLAVE: Historia editorial. Libros de oposición. Edición y política.

Referências

- ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ARQUIVO DO DEOPS. **Pasta Ordem Social 1499, Informação nº 181/77 de 9/3/1977**. São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 9 mar. 1977.
- ATHAYDE, Tristão. Mirantes e calabouços. **Folha de S. Paulo**, São Paulo 29 nov. 1979. P. 3.
- CASALDÁLIGA, Pedro. Prefácio. In: TIERRA, Pedro. **Poemas do povo da noite**. São Paulo: Livramento, 1979. P. 5-7.
- CONTZEN, Conrad; SCHULZ, Hermann (Orgs.). **Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde: Von Zusammenleben der Menschen und von Ihren Hoffnungen**. Basel: PeterHammer, 1978.
- CRISTINA, Madre. Entrevista. In: AZEVEDO, Ricardo; MAUÉS, Flamarion (Orgs.).
- Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. P. 153-171.
- ENTREVISTA com o sócio informal da Editorial Livramento realizada em São Paulo (SP), 17 de setembro de 2004, que solicitou anonimato.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- GREENHALGH, Luiz Eduardo. **Entrevista sobre o livro Poemas do povo da noite**. Entrevista concedida ao autor em São Paulo (SP), em 5 nov. 2004.
- JOSÉ, Emiliano. **Entrevista sobre o livro Poemas do povo da noite**. Entrevista telefônica concedida ao autor em 1º mar. 2005.
- JOSÉ, Emiliano. **As asas invisíveis do Padre Renzo**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- MASINA, Ettore (Org.). **Le parole sepolte fioriranno: i canti della resistenza brasiliana**. Roma: Edizioni Borla, 1977.
- MAUÉS, Flamarion. Editoras de oposição no Brasil no período de abertura política (1974-1985). In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **América Latina: encruzilhadas da história contemporânea**. São Paulo: Xamã, 2003. P. 129-140.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ORTIZ JR., Fábio. **Entrevista sobre a Editorial Livramento**. Entrevista concedida ao autor em São Paulo (SP), em 10 set. 2004.
- SCHULZ, Hermann. O poeta Pedro Tierra. In: TIERRA, Pedro. **Zeit der Widrigkeiten: Poemas - Gedichte**. Berlin: Edition Dia, 1990. P. 6-10.
- SILVA, Hamilton Pereira. **Depoimento de Hamilton Pereira (Pedro Tierra)**.

Disponível em: <www.fpabramo.org.br> São Paulo, agosto de 1999. Acesso em: 13 mar. 2004a.

_____. [Entrevista]. Entrevista concedida ao autor em São Paulo (SP), em 4 fev. 2004b.

_____. [Entrevista]. Entrevista concedida ao autor em São Paulo (SP), em 20 dez. 2004c.

TIERRA, Pedro **Canti del popolo della notte**. Tradução de David Turolto. Bologna: Editrice Missionária Italiana, 1981.

_____. **Poemas del pueblo de la noche**. Salamanca: Sígueme, 1978.

_____. **Poemas do povo da noite**. São Paulo: Livramento, 1979.

VANNUCHI, Paulo. **Entrevista sobre o livro Poemas do povo da noite**. Entrevista concedida ao autor em São Paulo (SP), em 16 fev. 2005.

Flamarion Maués

Mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Coordenador editorial da editora Fundação Perseu Abramo
E-mail: flamaues@terra.com.br ou flamaues@bol.com.br